



Caso Comunitaria: ações integradas

*“Sozinhos, pouco podemos fazer; juntos, podemos fazer muito .”
Hellen Keller*

Esse caso trata da composição e customização de uma oficina. É baseado em uma experiência real da Comunitaria e foi escrito para apoiar e convidar à reflexão sobre nossa integração dita e nossa integração na prática.



1. Cenário/Diagnóstico

Além de conhecer o diagnóstico técnico realizado em uma cidade, a convivência com aquela comunidade apontou um problema que infelizmente tem sido comum na análise de caminhos para um desenvolvimento local integrado, participativo e relevante.

Percebemos falas recorrentes tanto dos consultores como dos próprios moradores sobre a “pulverização” das ações das organizações sociais. A evidência estava estampada na agenda de eventos, nos quadros de aviso, nas ideias de projetos: vários queriam atuar,

De fato, é uma cidade em que a cultura e visão de comunidade impressionam seja pelo grau de solidariedade, pela qualificação dos debates locais promovidos ou pelo senso de pertencimento à localidade. Essa percepção gerava ao projeto uma análise de que não seria um dos maiores desafios de nossa equipe, promover integração de atores e ideias. Para nossa surpresa a realidade foi diferente.

Nas andanças pelo Brasil promovendo desenvolvimento local e fortalecimento comunitário, já nos deparamos com divergências políticas, problemas de relacionamento bastante enraizados na história local, rancores em relação à autoria ou reconhecimento, disputas diversas de forças, entre outros... Embora sempre nos digam em cenários assim “aqui tudo é difícil”, ambientes assim não são excepcionais.

Naquele município em específico temos muito igual e muito de diferente de tudo isso:

- Havia uma percepção coletiva e muito consciente de que havia uma desintegração, denominada várias vezes e por vários atores como “pulverização” entre atores de causa e público comum;
- Havia clareza das causas importantes ao desenvolvimento socioeconômico da cidade;
- Não houve um ator, às vezes em conversas particulares, que não pontuasse isso como um entrave ao investimento social local;
- Em conversas com o terceiro setor, apontavam-se como dificuldades principais de operação: recursos, diálogo e agenda (sim, muitas atividades acontecem ao mesmo tempo); e
- Em reuniões com o segundo setor, era consonante a fala de que haviam pedidos de apoio muito frequentes para ações muito parecidas.

Com essa visão de que uma contribuição significativa ao município seria a de integrar e promover um olhar mais estratégico para o investimento social local foram decididas três frentes de trabalho: uma direcionada aos “cuidadores das causas” (conselhos municipais), uma direcionada ao segundo setor e uma direcionada aos líderes comunitários e às ONGs da cidade. Todas procurando promover uma visão mais estratégica de causas e formas de integração de propostas.

É nessa frente que surgiu uma oficina que pretendia levar participantes de ONGs e conselhos a uma autoavaliação e a uma reflexão mais estratégica de ações. O momento era o inicial, então não pretendia por

si só solucionar a questão, mas sim sensibilizar atores para reflexão.e abrir frentes de trabalho para que no ano e meio seguintes houvesse maior abertura e integração de ações.

2. A oficina

Cada participante foi convidado a entrar e participar, mesmo sem uma apresentação das etapas de trabalho ou do que ocorreria. O tema “visão estratégica no terceiro setor” já era de conhecimento de todos os presentes. Ao chegar, em cada mesa havia 8 papéis de cores e tamanhos diferentes, sem nada escrito.

A atividade teve início com um convite para que todos, na mesma cor e tamanho de papel, colocassem o nome da instituição ou projeto que representava. No papel seguinte, o que faziam. Esse primeiro movimento permitiu aos facilitadores diagnosticar o público presente e aos presentes observar quem, em conjunto, éramos. Já foi também uma sondagem de quantos temas estavam presentes, iguais ou diferentes.

No terceiro e quarto papéis coloridos, eles responderam, respectivamente: como se mantinham e para que precisavam de recursos. Nesse ponto, os papéis entregues eram pequenos e a escrita deles foi limitada a até 5 palavras em cada um. Ou seja, pedia-se objetividade e se apresentava o primeiro grande desafio da atividade.

Ainda sem explicar muito, foram pedidos os preenchimentos, também em pequenos papéis e poucas palavras: como vocês pedem esse recurso (quinto papel) e quais as dificuldades em conseguir (sexto papel).

Nesse ponto, uma pausa foi feita para se falar das sensações de fazer o exercício e surgiram principalmente observações sobre a dificuldade em expressar o que queriam dizer em tão pouco espaço. Então, houve uma breve discussão sobre a importância de, hoje em dia, ser claro, objetivo e saber passar o que quer em pouco tempo e de forma otimizada.

Uma outra reflexão começou a se esboçar, sobre as similaridades e a quantidade de vezes que uma mesma proposta aparecia. Esse foi o gancho para novos dois papéis: qual sua causa e o que te motiva?

Nesse ponto a dificuldade foi generalizada. Um reflexo da nossa rotina! Ou seja, nos habituamos a operar com rapidez e com foco em solução de problemas e esquecemos do que nos levou a estar ali de fato. Logicamente houve confusão sobre o que é causa, o que é objetivo, o que é vontade... e pouco se ligou a causa ou a motivação.

Paramos para observar se a causa era a construção de um prédio ou a comunidade idosa da cidade. Era ter mais aulas de esportes ou o desenvolvimento das crianças?

Desse nó propositado conseguimos extrair coletivamente os seguintes aprendizados:

- Atuar pela causa nos apoia a não perder a linha estratégica das ações no dia a dia;
- Olhar para um público comum ou para uma causa comum nos permite alinhar as motivações semelhantes e não concorrer por espaços;
- Se focarmos energia na causa e não nas atividades pontuais que propomos, abrimos uma mais possibilidade de gerar transformações, afinal idosos que têm um espaço, políticas e atividades em seu benefício, podem ser mais bem atendidos se só oferecermos o espaço e uma atividade cultural. É preciso somar esforços;
- Não é fácil, mas se pode iniciar as discussões, em conselhos municipais, de agregação dos atores locais para compor ações e fortalecer iniciativas com finalidades complementares;
- É possível.

3. Para reflexão:

- Quando trabalhamos causas para o desenvolvimento comum, há competição?
- Estrategicamente é melhor ter 57 projetos independentes direcionados aos jovens ou ter 57 atores pensando no futuro e desenvolvimento deles?
- Para um investidor privado, quando destina recursos aos projetos: é melhor solicitar verbas para 12 eventos, 14 doações de equipamentos, 3 formações ou promover o desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos?
- Cooperamos ou competimos no dia-a-dia?
- O que podemos fazer para mudar?

Você tem dúvidas ou sugestão de temas para abordarmos no site?

Então, entre em contato:

contato@comunitaria.com.br

www.comunitaria.com.br